

Amar e Ser Amado

Ana Paula Rocha*

Resumo:

O presente artigo pretende abordar a forma como a relação precoce entre a mãe e o seu bebé, que começou ainda no útero, vai determinar a qualidade de vida relacional de cada um de nós, enquanto sujeitos.

Os possíveis desvios ou desencontros nesta interacção trarão como consequência diversas perturbações na riqueza da nossa vida afectiva.

Por outro lado, uma boa interacção mãe – bebé favorece os fundamentos da formação do vínculo amoroso. Surge assim, por fim, a ideia que é deste sentimento amoroso e da realização do mesmo, que resulta uma vida rica e plena de afectos.

Palavras-chave: Relação precoce; Vínculo amoroso.

ABSTRACT:

This article intends to ascertain the way the precocity of the relationship between the mother and her baby, that began in utero, will determine the relational quality of life of all of us as individuals. Possible deviations in this interaction will cause disturbance in the richness of our affective life.

On the other hand, a good mother-baby interaction will favour the fundamentals for love bonds. At last it gives the idea that the outcome of this love bond and its fulfilment will be a life full of affections.

Key-Words: *Precocity of the relationship; Love bonds.*

Este parecia ser um bom desafio, escrever algo sobre um tema que todos conhecemos na pele e na alma, no sorriso e na lágrima, na ternura e na raiva.

Quem não conhece o amor, que levante o braço porque precisa imediatamente de uma transfusão, pois está de certeza numa anemia de afectos que é urgente resolver.

Depois deste primeiro pensamento, outros menos agradáveis me assaltaram, como escrever sobre um sentimento que parece tão simples e natural, mas é ao mesmo tempo o sentimento mais complexo, que nos move ou paralisa ao longo da vida.

É com o amor próprio e o dos outros, que perseguimos e lutamos pelos nossos sonhos e, é com a falta dele que nos deixamos apanhar pelo cinzento da ausência do sonho. Se fosse sobre uma qualquer patologia, uma qualquer perturbação provocada pela privação ou desadequação do mesmo, era de certeza mais fácil, mas assim fiquei completamente bloqueada, sem saber como dar a volta ao texto, não, pior, como avançar com o texto que ainda não existe.

A minha tentativa para falar de um sentimento que foi magistralmente explorado por Camões, Gabriel Garcia Marquez, Baudelaire, Florbela Espanca, Ortega e Gasset ou Freud entre muitos outros, tem de ser o mais modesta possível e, garanto-vos, que isto não tem nada a ver com falta de amor próprio, mas sim com a prova da realidade.

Mas vamos lá tentar:

O percurso que cada um de nós faz desde que fomos pensados como possíveis, na imaginação dos nossos pais, passando pelo complicado processo de elaboração do nosso Eu, até ao momento em que estamos preparados para enfrentar o fascinante mundo de "gostar dos outros", é algo que acontece em cada momento e em todos os momentos. O que se vai tecendo ao longo do tempo, através da forma como somos amados é a nossa capaci-

dade de amar. Por isso, este tema tem de ser por nós virado de pernas ao ar, porque só faz sentido se dissermos "Ser amado e amar".

Até há algum tempo atrás sabíamos que o amor por nós começava no exacto momento em que fomos pensados pelos nossos pais, a nossa existência, se tudo correu bem, nasceu do encontro do desejo dos dois. Começou a criar-se dentro deles um espaço que seria nosso e, se quando falo de espaço, falo também do corpo da mãe que nos vai acolher durante 9 meses, agora estava mais a pensar no espaço do Afecto. Para fazer um filho é preciso haver um encontro entre os pais e os seus afectos e daí nasce um espaço para um novo ser humano que ganha vida dentro da imaginação dos pais, muito tempo antes do seu nascimento. É o bebé imaginário com o qual os pais vão convivendo até à altura do parto.

Hoje sabemos mais coisas que nos ajudam a perceber o quão poderosa é esta nossa primeira relação de amor, que vai para sempre marcar a nossa vida. Nesta altura estão curiosos com esta informação, espero pelo menos mantê-los atentos.

Voltando ao que sabemos. Sabemos muito, mas ainda nos falta muito mais e, é o amor ao conhecimento que nasce da curiosidade pelo desconhecido, que nos continua a fazer caminhar nesse sentido. Sabemos que o que a mãe faz cá fora tem uma resposta no bebé. Os ecógrafos identificam facilmente o soluço do feto quando a mãe está comovida e o apaziguamento do espasmo quando alguém a tranquiliza. Quando o coração se acelera, quando agita as mãos e os pés ou quando faz caretas o feto fornece bons indícios da percepção da emoção materna. Quando a mãe fala, é possível perceber que a estrutura física da palavra se transforma num tocar que estimula o feto e

desencadeia um comportamento exploratório com as mãos e a boca. Dito de outra forma, quando a mãe fala o bebé move as pálpebras, muda de postura e suga o polegar ou o cordão umbilical. A mãe apresenta-se-lhe também pela sua extrema habilidade culinária. O líquido amniótico que de vez em quando engole é perfumado com o corpo da mãe: açúcar, uma pitada de sal, ácido cítrico, algumas proteínas, ácido láctico e "voilà" temos um líquido com sabor a iogurte. Assim sabemos que o dia de nascimento não marca o início da vida, nem da relação com os pais, mas sim a nossa apresentação pública ao mundo.

No entanto neste famoso dia, celebrado para sempre ao longo da nossa vida, o nosso natal, o bebé desembarca na terra com um equipamento neurológico sofisticado que lhe permite perceber, filtrar e organizar o seu pequeno mundo ainda que de forma incipiente. Depois do cataclismo ecológico que permite passar do mundo aquático do útero para o mundo aéreo dos braços maternos, pode observar-se um comportamento curioso: o recém nascido chora. Foi expulso do paraíso uterino pelas contracções do parto. Dormiu durante o parto até que a sua cabeça embateu contra os ossos da bacia e quando o seu corpo torcido se enfiou na garganta pélvica. Desperta, está completamente nu, molhado e gelado num mundo onde pela primeira vez na vida tem de desenvencilhar-se ao respirar sozinho. Este novo universo gelado, sonoro e luminoso até ao extremo é avassalador, e nada comparado ao mundo anterior onde uma suspensão hidráulica nos embalava suavemente.

O despertar é terrível. A angústia faz-nos gritar. O ar frio penetra nos pulmões que se desenrugam e expandem como a nossa bola de praia do ano passado. E tudo isto dói. Neste caos de luz branca, frio, gritos intensos e de

choques violentos... subitamente, uma voz familiar: dizem o nosso nome em voz baixa. É mais forte e mais agudo que antes, mas reconhecemos o tom e a música desta voz já ouvida no tempo em que vivíamos tranquilos. Louca esperança dos desesperados, voltamos a cabeça e os olhos na direcção da fonte sonora. Tudo o resto se desvanece, porque só aspiramos a ouvir este delicioso fragmento de palavra que nos hipnotiza e, então, esticamo-nos na sua direcção com alguma agitação.

Então pegam-nos ao colo. Como uma rede há braços que nos envolvem e nos aconchegam numa concavidade quente. Ao rosto chega-nos um odor conhecido, uma doçura intensa que tocamos com as nossas mãos e exploramos com a língua. Então depois do sofrimento, depois da procura de um outro para amar, sentimos na boca este ser que escorre em nós e nos enche de calor. Estamos satisfeitos: todo o vazio é preenchido. Acabámos de conhecer a nossa primeira experiência amorosa. Este é o romance do nascimento. O amor não é um elo, é uma revelação.

Este encontro pouco deve ao acaso, porque necessita por parte do sujeito apaixonado, de um estado de procura mas para procurar tem de desejar e para desejar tem de estar carente. A satisfação origina o apaziguamento dos sentidos como quando nos sentimos saciados após uma bela refeição, ou como quando nos tornamos refractários após o acto sexual. Por isso, como nos disse Winnicott, a mãe tem de ser suficientemente boa, para permitir a existência de um espaço em que novamente se cria a necessidade do outro. No início o bebé vive quase uma experiência de onipotência em relação à mãe que antecipa todas as suas necessidades e quase podíamos arriscar, que ela é aqui excepcionalmente boa. Mas á medida que o bebé vai crescendo a palavra suficiente impõe-se, porque ele vai ter de conseguir lidar com

alguma frustração que pode ter a ver com a espera, com o tal estado de necessidade que cria a necessidade da mãe, que nesta fase já não está sempre lá, para antecipar as necessidades da criança.

Mas, voltando ao início, este primeiro amor é um casamento que permite encontrar no mundo exterior essa familiaridade fusional, sentida no útero. A enorme capacidade sensorial dos recém nascidos exprime a aptidão para o amor daquele que procura activamente o objecto revelador de si próprio.

Ter sido único e especial, exclusivo na verdadeira acepção do termo, constitui a condição determinante de um amor-próprio estável, forte e que nos permite enfrentar o impacto que os acontecimentos de vida, ao longo dos tempos, nos provocam.

Se por acaso não fomos suficientemente investidos pelos nossos pais, se não ocupámos como o menino/a Jesus, na sagrada Família, um papel central na sua atenção apreço e afecto, se não recebemos aquele olhar apaixonado da mãe que nos vai espelhar como belos, a nossa personalidade fica à partida condicionada e coxa numa organização onde a depressividade vai andar sempre ao nosso lado, pronta a pregar-nos uma rasteira e nos deixar cair na depressão, com a consequente incapacidade de amar, ou desejar ou sonhar, verbos todos eles muito ligados.

Coimbra de Matos diz-nos, num dos seus textos que "O bebé começa por ser reconhecido e investido no seu rosto – que o diferencia - de todos os outros bebés, confirmando-o como o único, o mais belo. É esta distinção e honra de ser único e especial que o soergue do anonimato e da indiferença, colocando-o no altar da admiração e do amor. Pelo olhar

apaixonado da mãe/pai, ele/ela é o príncipe/princesa maravilhoso/a."

No entanto, na ausência deste investimento narcisante o bebé vai crescer por um lado, anónimo sem identidade, e por outro lado sem investimento libidinal, sem uma sexualidade e erotismo psíquico. É, somente, o ter sido apreciado e amado pelos pais que nos possibilita o estatuto de possuir um bilhete de identidade psíquico, ser alguém, ser um rosto que contém e dá significado a uma pessoa.

O que cada um de nós deseja é ser amado por aquilo que é, nem mais nem menos. Se sou diferente, não serei quem sou. Se fosse querido com outra forma, sentir-me-ia rejeitado, pois só amado por aquilo que sou, posso amar-me a mim mesmo, ter um narcisismo saudável e mais tarde construir relações amorosas sólidas e gratificantes, construir um projecto de vida em termos profissionais e de aspirações com as mesmas características.

E ainda voltando a Coimbra de Matos dizer "que aquilo que encanta não é um atributo real do sujeito amado, mas uma ilusão do sujeito amante. (...) a beleza do bebé, o seu impacto estético na mãe/pai está no olhar idealizante destes." Dito de outra forma está no bebé fantasmático e imaginário, muito mais do que no bebé real.

Quando este amor de que deveríamos ter sido objecto não aconteceu, é como se tivéssemos perdido a nossa infância, nunca estivemos como a Alice no País das Maravilhas, temos de fazer um luto do que não vivemos, a perda daquilo que nunca chegou a ser nosso e, é este o verdadeiro núcleo do sentimento depressivo. Percebemos que cada pessoa mais tarde vai organizar modos particulares de lidar com o sentimento de ser mal amado ou o sentimento de não se sentir digno desse amor (ter

interiorizado um objecto de amor predominantemente mau). Dito de outra forma, podemos perceber que um dos grandes impulsionadores da psicopatologia na relação é a perda de auto valorização na hipervalorização dos outros; outro é a culpabilidade do próprio para desculpabilização dos outros.

- O par complementar – inflação narcísica e sadismo – muitas vezes mais não é do que a reacção e defesa contra a condição depressiva.

Os bebés abandonados ou privados de amor materno, repetem quase sempre um mesmo quadro de comportamentos: depois da busca exasperada, manifestam desespero e depois indiferença afectiva. As crianças sem amor não possuem a base de segurança que lhes permite partir à conquista do mundo. Estas crianças anaclíticas não podem contar com ninguém. Se sobrevivem, mantêm em si o vestígio dessa privação que organiza um verdadeiro destino de carência afectiva. «vou conquistar o afecto dos outros, sacrificando-me, visto que não podem gostar de mim por aquilo que sou.» «É de tal modo excepcional sacrificarmo-nos, que vão amar-me excepcionalmente.» Pura ilusão, que nos empurra para um masoquismo interminável.

Às vezes só mediante uma psicoterapia ou uma análise, pode o sujeito reconstruir-se de forma a que o amor possa nascer ou renascer. Às vezes, trata-se mesmo de um novo nascimento se não mesmo, o verdadeiro nascimento afectivo. É preciso neste processo que o sujeito descubra que pode verdadeiramente amar alguém, então poderá fazer o luto do seu objecto de amor infantil (pais). O trabalho de luto só se pode processar quando se investiu um novo objecto.

Nas personalidades neuróticas mais correntes, menos

graves, encontramos muitas vezes uma necessidade infantil de amor misturada com outra mais adulta e genital. O sujeito quer muitas vezes um objecto de amor que preencha as necessidades narcísica e sexual. "Mamar e copular ao mesmo tempo" como nos diz Coimbra de Matos. Mesmo que as suas necessidades infantis de amor não tenham sido totalmente satisfeitas, no tempo certo, tem de renunciar em adulto à posição infantil.

Um outro aspecto da patologia relacional, em sentido lato, é o da insubstituibilidade do objecto de amor. A relação é sempre neurótica se considerar o objecto como insubstituível – o que representa sempre um sentimento de inferioridade e um investimento narcísico do objecto. Quando o sujeito está seguro de si mesmo e o investimento do outro é genital/adulto, o outro, por muito que se ame, é sempre substituível. Só se pode falar em verdadeiro amor quando existe liberdade, tudo o resto é dependência (amor infantil) e não amor.

Se antes falámos em pouco amor, aqui falamos em mau amor. Quando o amor inicial se transforma em gaiola afectiva, a criança não consegue conquistar o seu mundo. A fusão amorosa monopoliza os seus sentidos. Percebe a mãe mas não o que a rodeia. O seu mundo está reduzido à pletora amorosa. É a lua-de-mel até à náusea, até ao dia em que furioso por não poder viver noutro lado, vai odiar aquela que ama e criticá-la por não lhe ter permitido voar com as suas asas.

«Não me preparaste para a luta pela vida...guardaste-me para ti...detesto-te e não consigo viver sem ti...». É preciso amor para que a criança se interesse pelo mundo, mas depois, este amor tem de ir mudando na forma como se expressa, senão a fusão cria um mundo siamês. Depois do sentimento oceânico dos primeiros meses, instala-se o

desejo de explorar e descobrir o objecto materno que se afasta e separa progressivamente. Este objecto mãe, tão próximo, é diferente do Eu e representa todo o Mundo que está à nossa espera.

O problema coloca-se quando existem pais maciçamente patogénicos, que se fizeram considerar imprescindíveis para os filhos. E, neste caso, não só o filho terá grande dificuldade de desligar-se da mãe, como também aderiu a esse modelo de objecto de amor e a esse estilo de relação – e procurará sempre objectos imprescindíveis e terá relações objectais de dependência. Desta forma perduram no tempo relações anaclíticas, narcísicas, infantis.

Mas chega de perturbação..., e se tudo corre bem o amor indica essa força afectiva que nos impele em direcção a um objecto: a mãe do amor materno, o desencadear sexual da atracção pelo outro, a atracção pela montanha, um trecho de Bach, as ideias ou o sujeito em si mesmo. A história do amor universal narra sempre o mesmo acontecimento: o nascimento do sentimento amoroso. Esta emoção deliciosa que nos leva a sair de nós, a arrancarnos do nosso mundo para ir à procura do objecto amoroso perfeito, aos nossos olhos.

O argumento deste filme é quase sempre igual.

TAKE 1: O encontro, a emoção do olhar, a dança das primeiras palavras e dos primeiros gestos. O jogo da abordagem e da sedução. A perturbação emotiva confere sentido ao mínimo gesto, à mínima palavra, ao mais pequeno tremor de voz, piscar de olhos. Dá-se uma total transfiguração do banal, a mínima estimulação é sensual.

TAKE 2: Uma vez que os corpos estão presentes, é preciso apresentar as almas: conta-se a história pessoal, o que permite ir dizendo como se ama, como se recebe e como

vai ser preciso coordenar-se em tomo desta maneira de viver.

A interpenetração sensorial, o êxtase cruzado dos amantes dá conta de um outro mundo de conhecimento: já não é possível perceber o parceiro através de uma observação à distância. Agora a percepção fusional do outro em nós é-nos revelada. Estes são os fugazes momentos da paixão que têm de arder no ideal, na emoção caída do céu. É preciso que o amor paixão seja passivo, porque qualquer acção introduz o real desencantador que corta o fluxo fusional e nos permite passar ao amor em que o dois já faz sentido. Nesta primeira fase da paixão passeamos, suspiramos, esperamos, olhamos, sentimo-nos bem ali, imóveis, juntos, fusionados, porque no amor paixão, como diz De Mijolla-Mellor "o único objecto possível é o próprio eu".

Apaixonamo-nos e, depois quando a paixão se extingue, dá lugar ao amor em que descobrimos o real, na pessoa amada. Apaixonamo-nos e revemo-nos no outro e quando voltamos a pôr os pés no chão, amamos. É difícil abordar a história do amor sem citar Stendhal e a sua paixão, Balzac, André Breton, Baudelaire, Shakespeare ou mesmo chegar ao amor como objecto de ciência inaugurado por Freud, desenvolvido pelos psicanalistas e, hoje analisado ao microscópio por neurobiólogos. No entanto, destes amores, fica-nos às vezes a ideia de que no amor, como diz Boris Cyrulnik, "os amantes deitam-se para morrer. Terminam assim as histórias de amor". Realmente foi assim com Romeu e Julieta, mas será este o destino dos amantes?

... É claro que não. Nas relações amorosas bem conseguidas em que amamos e somos realmente amados, sobressaem os sentimentos positivos como a segurança a confiança a curiosidade, o desejo, a temura que traduzem

o bem-estar interior e relacional. Estes são sentimentos que traduzem uma experiência profundamente rica de troca, prazer, gratificação entre outros. A exaltação dramática ou teatral destas grandes obras em que os amantes morrem pelo seu amor, traduzem antes a incompetência, a inferioridade, o medo, a insatisfação e a culpa.

Como nos diz mais uma vez Coimbra de Matos é da segurança, intimidade, conforto e satisfação na vinculação infantil que deriva a qualidade do novo diálogo de amor; e, por extensão de todas as relações sociais e afectivas, que vamos estabelecendo ao longo da nossa vida.

Penso, logo existo, é por demais conhecido, mas também é fundamental: Sinto, logo conheço - o outro- e é neste binómio que nos definimos enquanto ser humanos amantes e amados.

Por vezes o objecto de amor é um ser humano, outras vezes uma montanha e tornamo-nos alpinistas ou um instrumento musical..., esse impulso que nos impele para o outro é fonte de vida, porque a vida sem o outro não merece a pena ser vivida. Descobrir o outro é continuar a descobrimo-nos e, por isso, é urgente sair do cais e iniciar (para uns) ou continuar (para outros) esta viagem.

Bibliografia:

1. Matos, A. Coimbra de (2001) – *A Depressão*. Ed. Climepsi, Lisboa.
2. Matos, A. Coimbra de (2002) – *A Adolescência*. Ed. Climepsi, Lisboa
3. Matos, A. Coimbra de (2002) – *Psicanálise e Psicoterapia Psicanalítica*. Ed. Climepsi, Lisboa.
4. Mijolla, A.; Mijolla, S. (1999) – *Psicanálise*. Trad. Fr., Ed. Climepsi, Lisboa, (2002)